

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



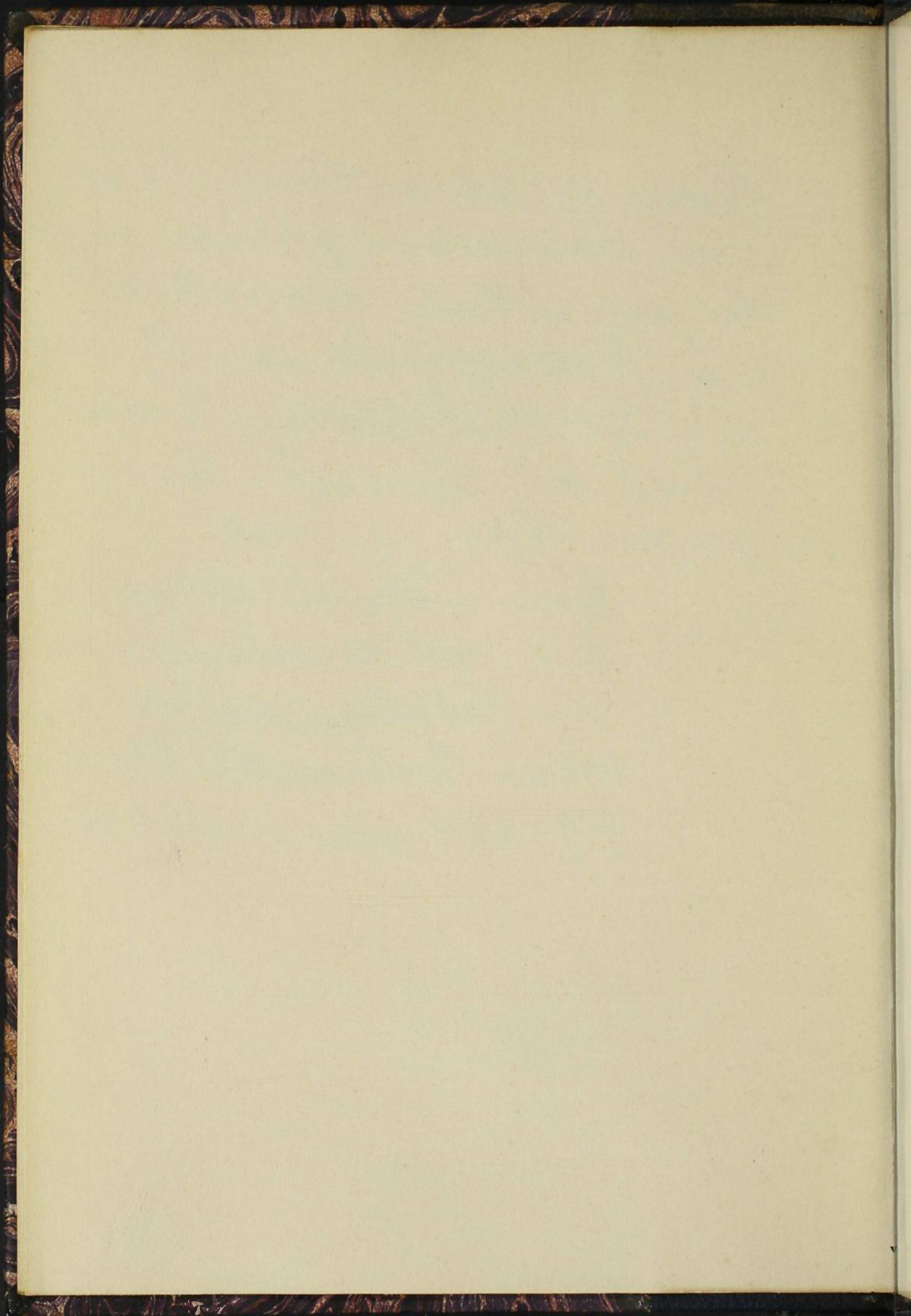
in Moraes pg. I-16

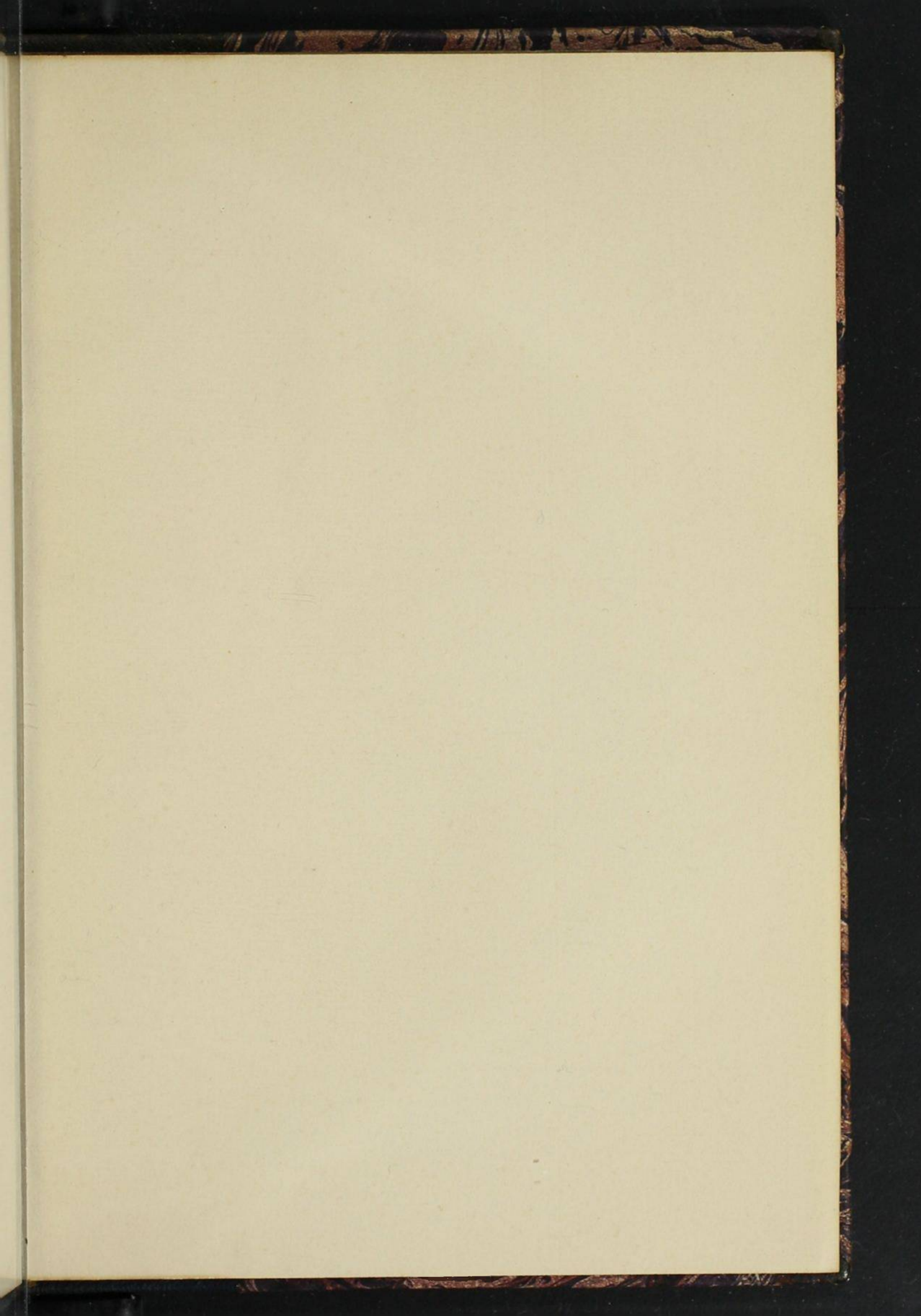
"... difficil de ser encon-
- trado..."

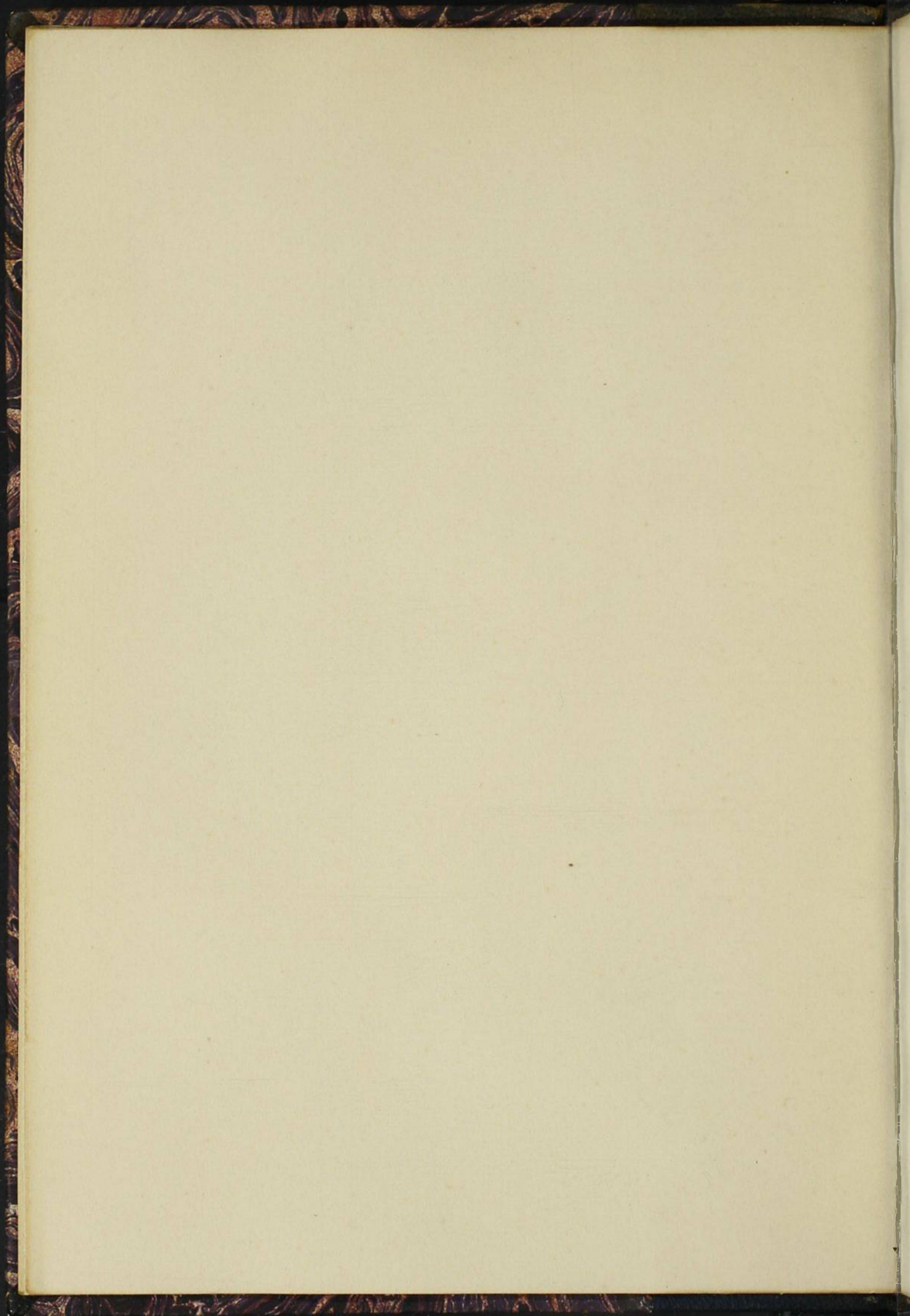
nº 302 Cat. Janº 76 J. A. Tellez
Sylva \$ 32,- dol. porem
brochado.

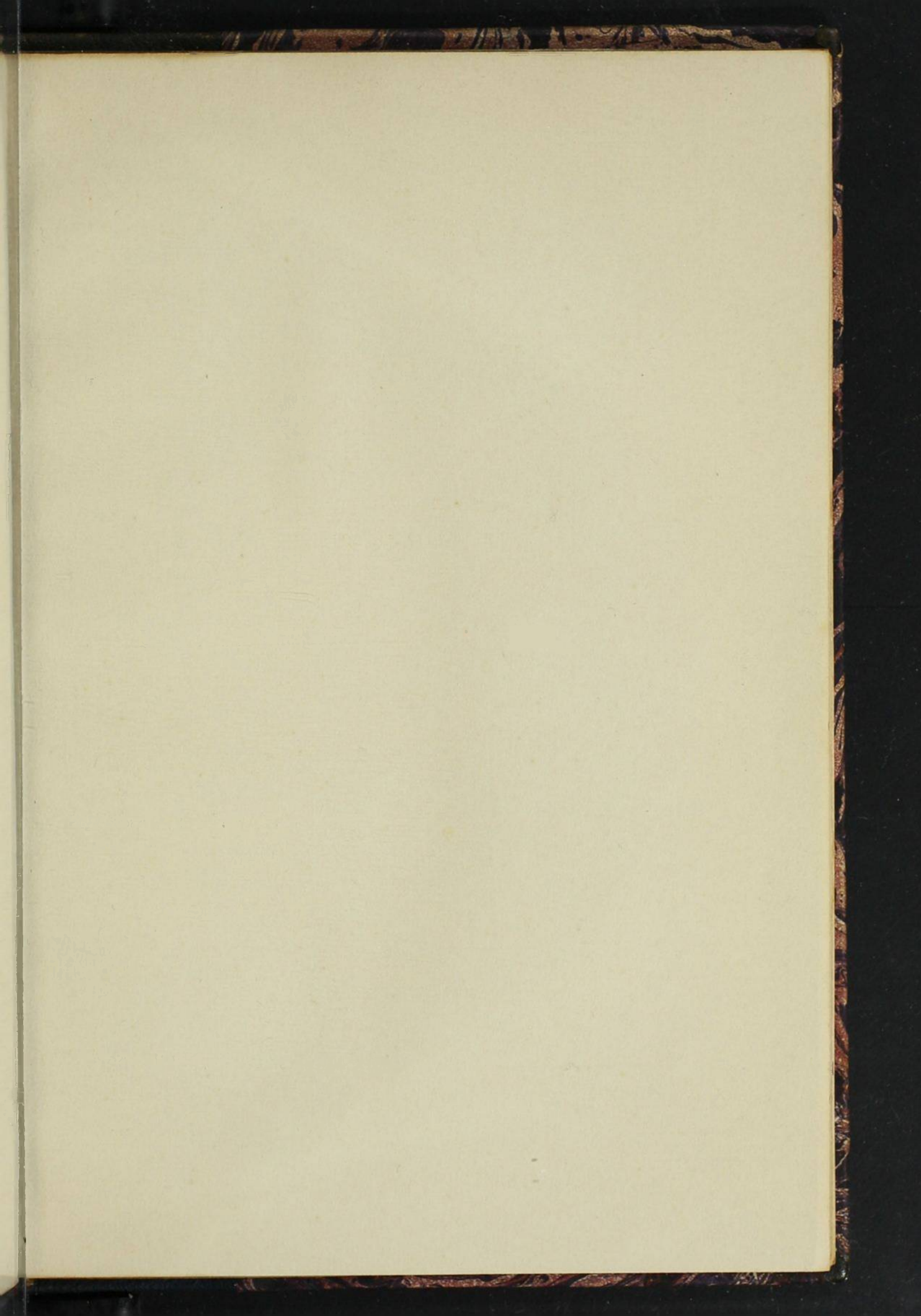
J. Pedro de Alcantara: "Poésies hébraïco-provençales du rituel israélite Comtadin", traduites et transcrites par... Empereur du Brésil, Avignon 1891, iii-160

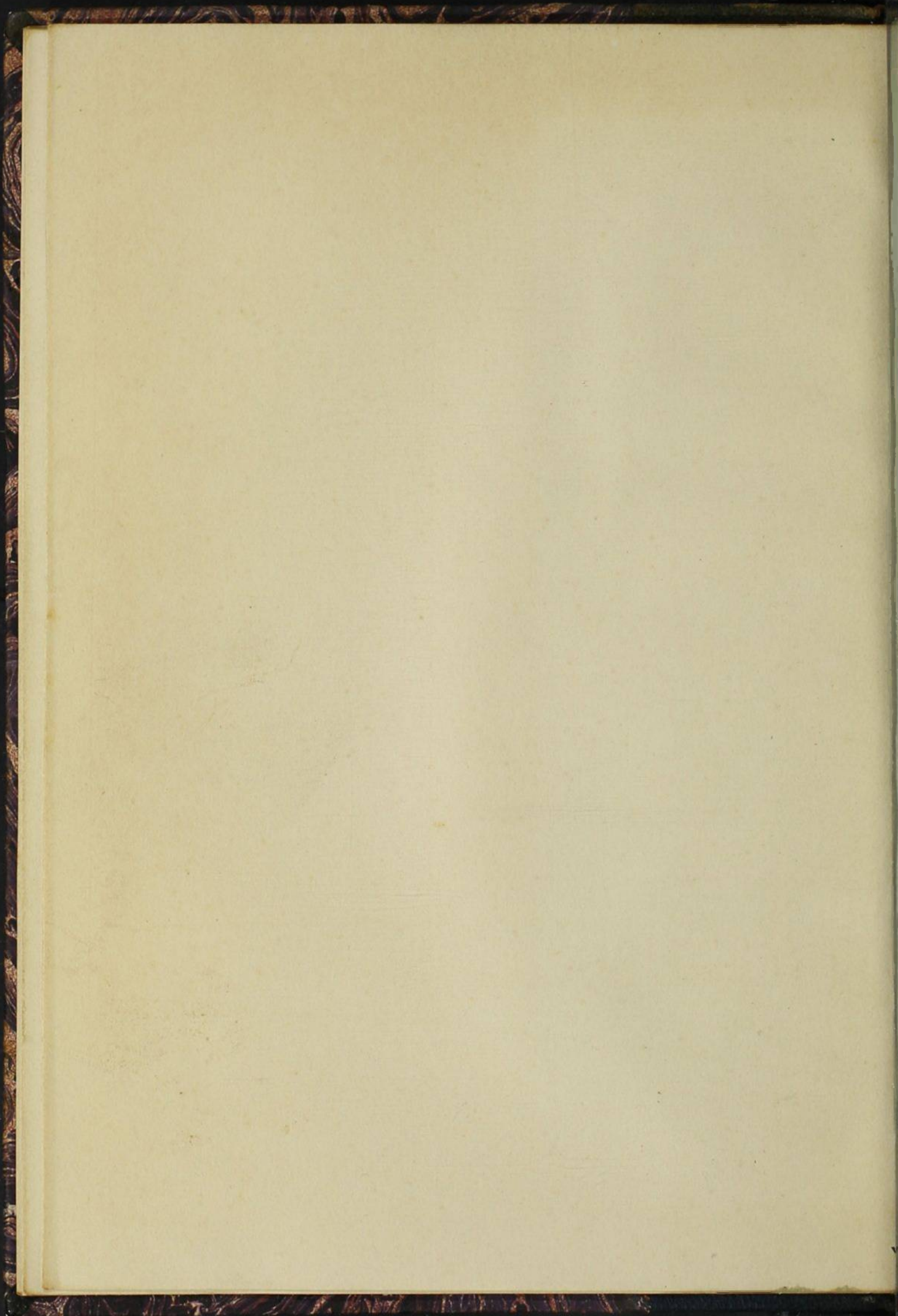
Ce volume n'est pas mentionné dans le catalogue de la bibliothèque Eduardo Prado, pg. 184 com o n.º 3985











D. Pedro de Alcantara

SONETOS

DO

PXILIO

RECOLHIDOS

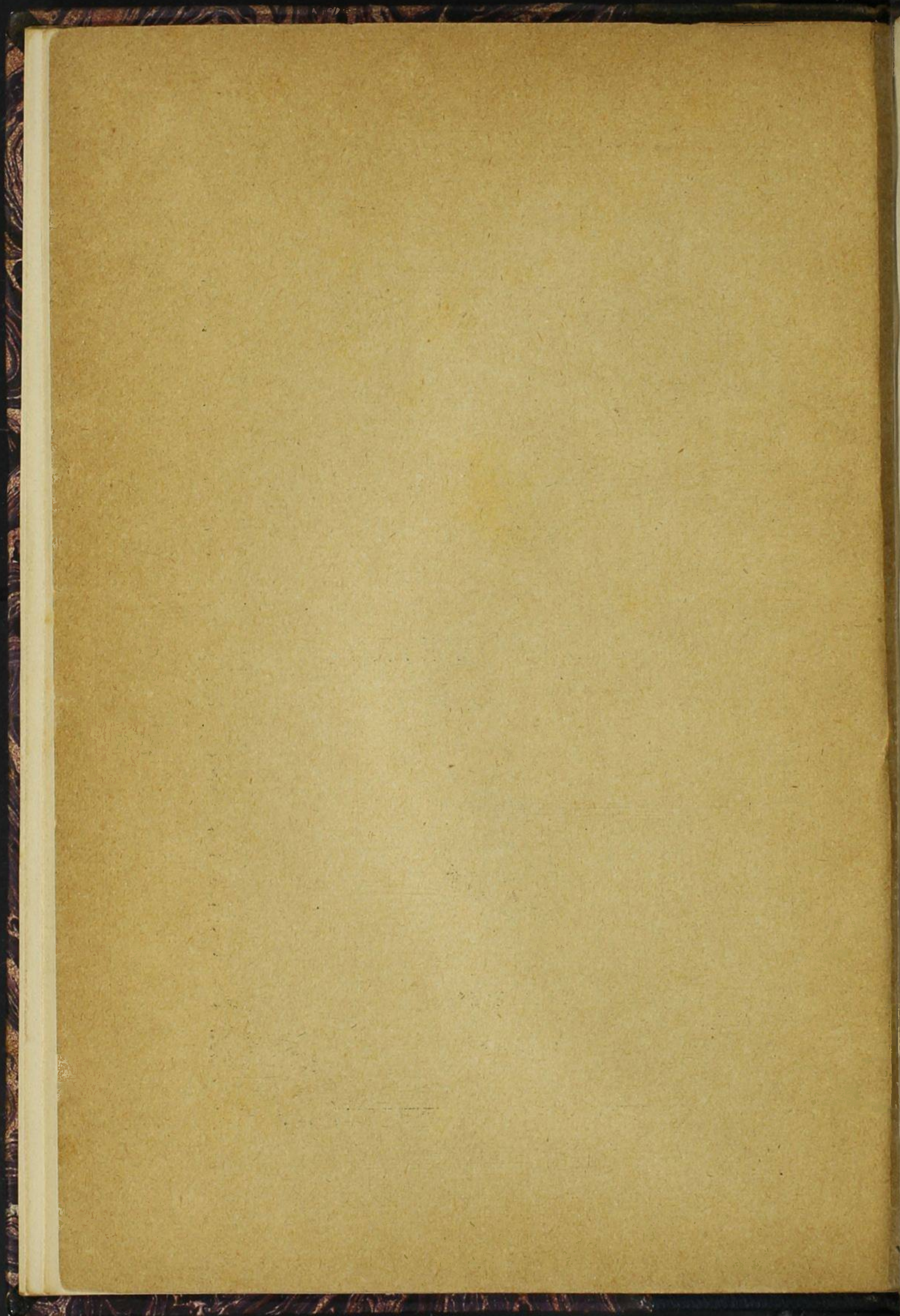
POR

UM BRASILEIRO



PARIS

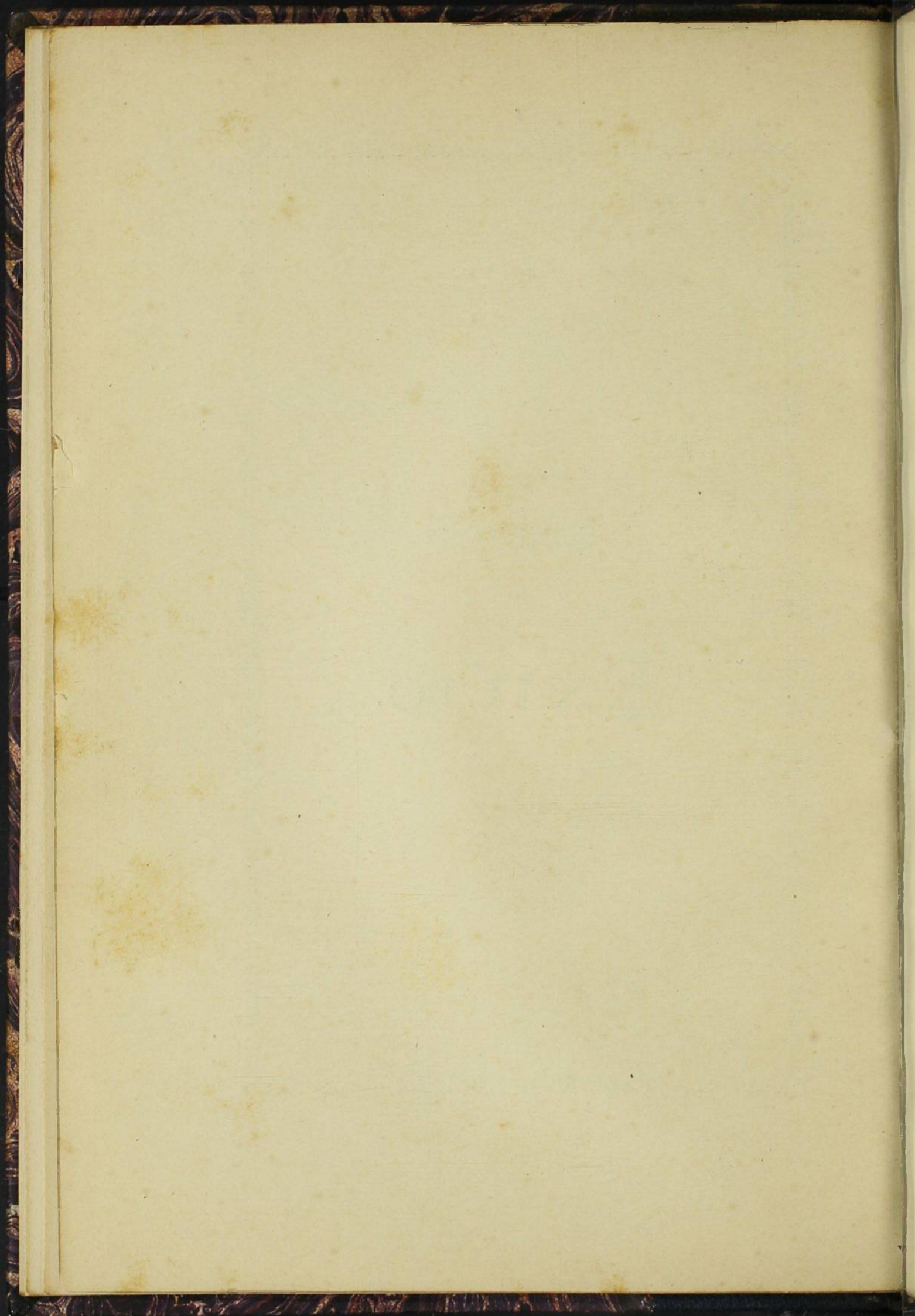
—
1898



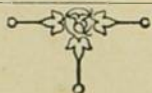
SONETOS

DO

EXILIO.



D. Pedro de Alcantara



SONETOS

DO



XILIO

RECOLHIDOS

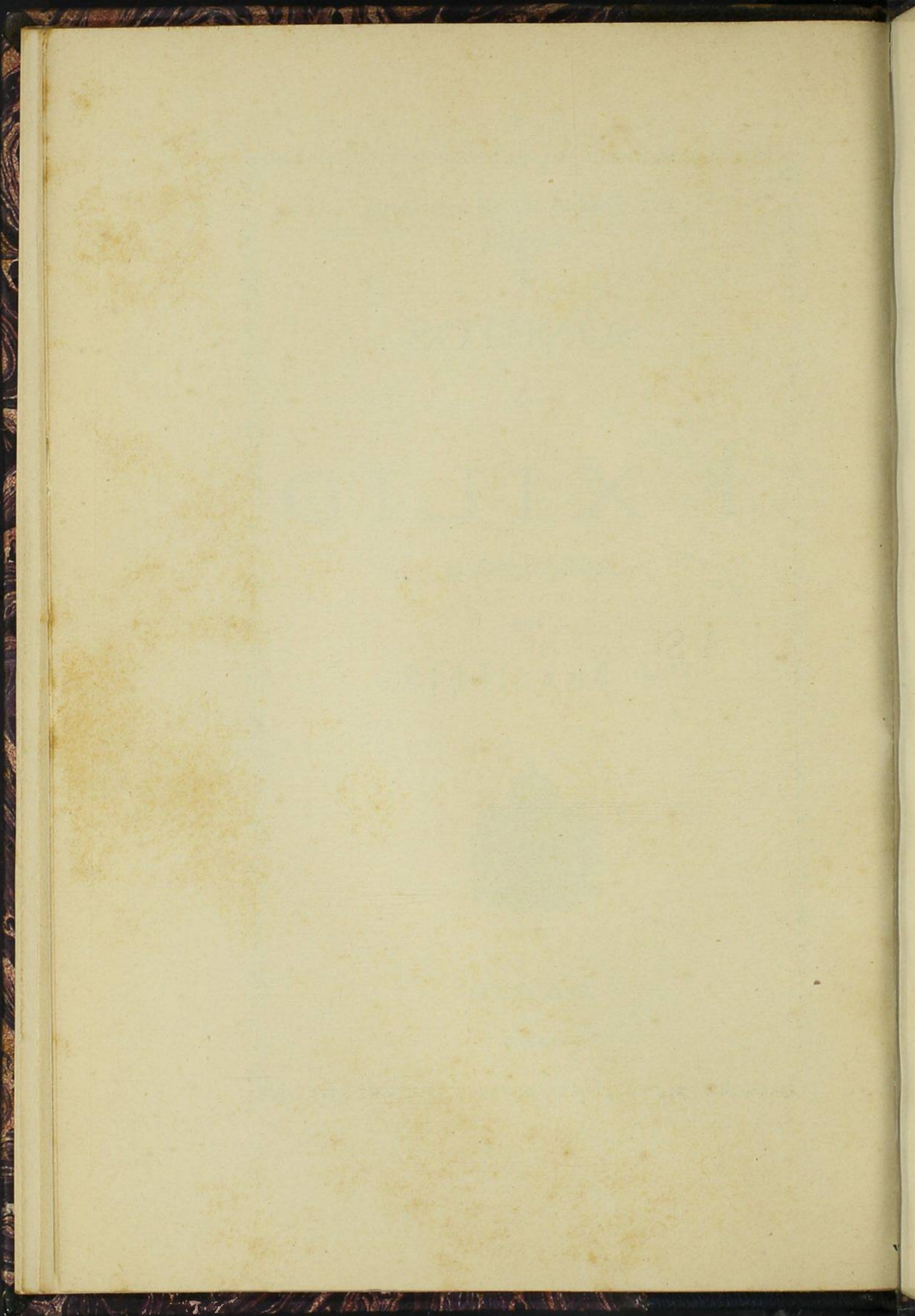
POR

UM BRASILEIRO



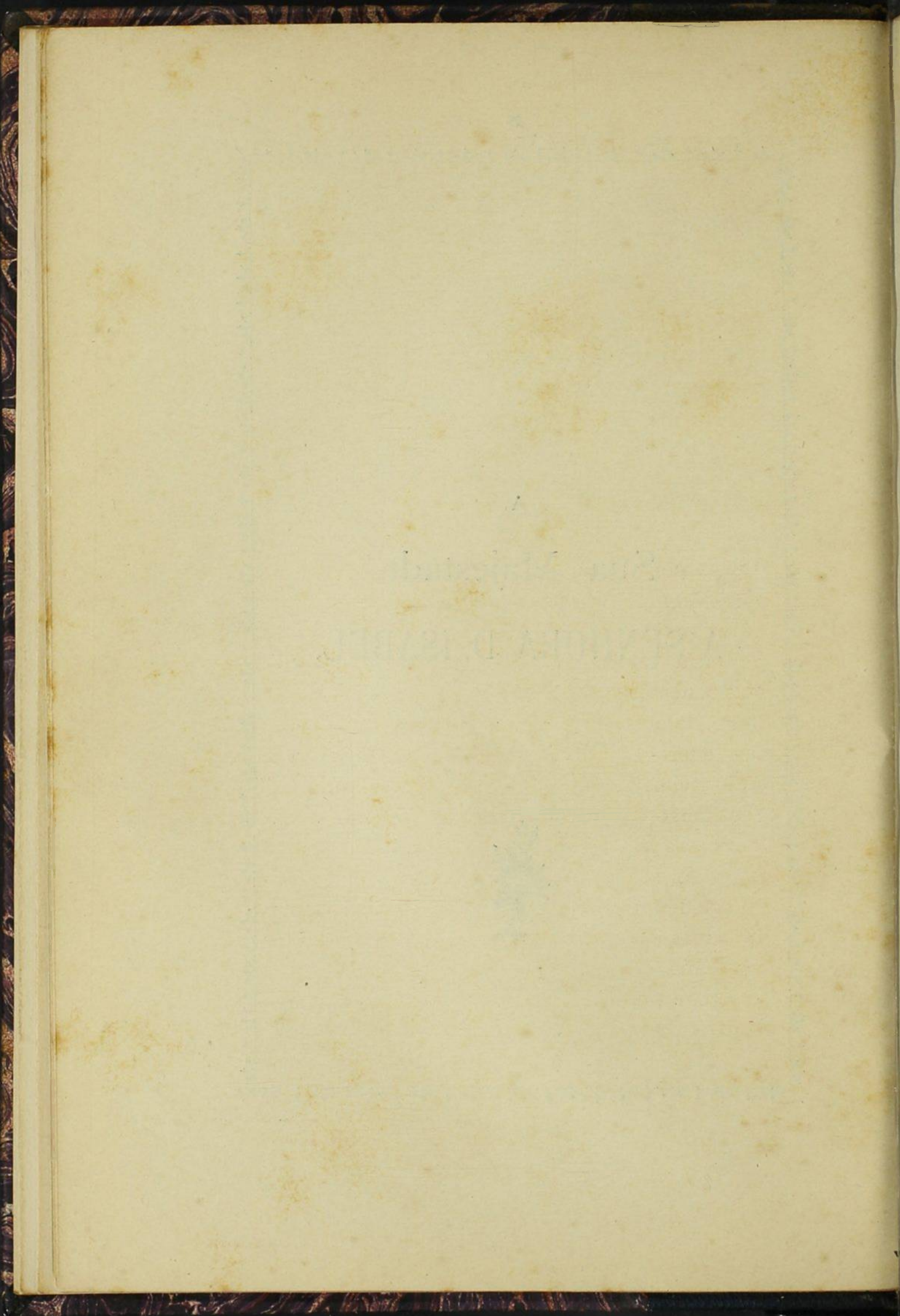
PARIS

—
1898



A
Sua Majestade
A SENHORA D. ISABEL.





A

Sua Majestade a Senhora D. Isabel

SENHORA ! Quando não foreis, por direito de legitimidade, a Imperatriz dos Brasileiros, caber-vos-hia o titulo que ora vos attribuímos, porque á majestade do nascimento e da lei reunis o da benemerencia, que vos fez acclamar Redemptora de meio milhão de compatriotas.

A offerta que hoje vos fazemos, Senhora, é valiosissima, porque não tem de nossa mesquizez sinão o trabalho de colligir e expôr á luz meridiana sete bellissimas composições d'Aquelle que foi vosso Pae, nosso Imperador. e cuja sacrilega deposição encetou para o Brasil uma era de ruinas e opprobrios infelizmente ainda não concluida.

Dignae-vos Senhora, de acceitar esta homenagem no espirito que nol a dictou, pedindo-vos

humilde excusa do anonymato, que é para nós
segurança de vida n'uma quadra em que á im-
prensa responde o punhal assassino e o facho
incendiario.

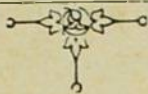
Senhora! Deante de vossas virtudes, do vosso
heroico feito e do vosso immerecido infortunio,
para beijar-vos a mão respeitoso curvamos a
frente, que temos conservado erguida em frente
da usurpação.

Rio, 1.º de Outubro de 1898, 67.º do Imperio
e 9.º do grande crime.

UM BRASILEIRO



PROLOQUIO



D. Pedro II

Foi um bom, foi um justo, foi um magnânimo. De suas virtudes civicas tirou meio seculo de paz e felicidade para a nossa Patria.

Manteve livre o Brasil. e sacudiu do continente as tyrannias de Rosas e Lopez, sem disputar aos povos redemidos um palmo de territorio.

Comquanto peado pela Constituição, collaborou discreta, mas corajosamente, na libertação dos captivos.

Não desprezava as injurias; sabia sentil-as e perdoal-as.

Entre as urzes da intolerancia e da subserviencia lançou as sementes da liberdade da imprensa, e fêl-a medrar como jamais vicejara em terra sul-americana.

Protegeu paternalmente a Carlos Gomes, o musico, Pedro Americo, o pintor, Porto Alegre, o poeta, Domingos Freire, o medico, Capanema

e Barbosa Rodrigues, os naturalistas, Benjamin Constant, o mathematico— e innumerous outros.

Deu tantas esmolas que para não descontinual-as, teve a republica de abrir immensa verba e organizar serviço especial. Matou a fome, vestiu a nudez, custeou a educação de muitos que o fizeram morrer proscripto e pobre.

No throno exerceu verdadeira fascinação sobre quantos primeiro o tinham desestimado e depois aprenderam a veneral-o. Torres Homem, Martinho Campos, Silveira Martins e Ferreira Vianna foram deste numero, para só fallarmos dos mais illustres e honrados.

Rebrilhou no exilio, cingindo a aureola de resignação que bem se diria stoica, si melhor não se chamara christan.

Todos os que após Elle se assentaram na cathedra suprema, têm sido uns desgraçados, e por sobre as suas miserias assoma, em radioso nimbo, a visão do velho Imperador de barba nevada e olhos compassivos.

Morto, é sua bemdita memoria como o fulgor das auroras polares, illuminando a fria noite que atravessamos.

Salve, meteoro consolador! e conserva-te nos céos da Patria até que de novo lhe alvoreça, espancando gelidas brumas, o sol vivificante da tradição, do direito e da liberdade!

Lincoln ou tu, que importa? a deusa Liberdade
Podéra pô-lo aqui, e a ti no Capitolio.

SALVADOR DE MENDONÇA, *Polyanthéa*.
album de originaes offerecidos a S. M. o
Snr. D. Pedro II, Imperador do Brasil,
por occasião de seu regresso á Patria,
em setembro de 1888. — Voiron, 1892. —
Pag. 132.

Um dia como eu houvesse pedido a Victor
Hugo algumas palavras em prol dos escravos,
o Immortal escreveu: « O Brasil tem um Impe-
rador, e este é mais que um soberano: é um
homem.» Meu espirito republicano reflectiu e eu
concordei com o Genio.

JOSÉ DO PATROCINIO, *Idem*, pag. 37.

O nosso Imperador amado e venerado...

FLORIANO PEIXOTO, Carta ao Conse-
lheiro Basson, offerecendo-se para re-
servadamente amparar o Snr. D. Pe-
dro II contra desacatos de republicanos.
(*Apud* AFFONSO CELSO, *O Imperador no*
exilio, Rio, 1893. — Pag. XL.)

I

O adeus

Quando para a Europa se dirigiam a bordo do *Alagôas*, o Imperador com sua familia e alguns poucos amigos, ao perderem de vista as terras do Brasil, crêmos que em aguas de Fernão de Noronha, mandou Sua Magestade se soltasse um pombo, mensageiro do ultimo adeus dos exilados. Tomou a avezinha o vôo, mas, logo depois, e como que salteada por vertigem, deixou-se cahir e afundou-se no Oceano.

Deste e de outros successos da melancolica viagem ha interessantissimos pormenores em memorias da Exma. Snra. Baroneza do Loreto, a quem com justiça devemos exprobrar a modestia com que recata esse mimo historico e litterario.

Não são do egregio Autor, mas nossos, os titulos sobrepostos aos seus sonetos.

Supprimimos, por não alongal-a, nesta 1.^a edição, algumas variantes, que em outra serão talvez publicadas.

I

O adeus

Mensageiro do amor e da saudade,
Toma teu vôo pela azul planura :
Vae dizer ao Brasil em que tristura
Tu nos deixaste aqui na soledade .

Vogam commigo os meus na immensidade,
Buscando em terra estranha sorte escura ;
E eu mais longe inda irei : que d'esta agrura
Sei que caminho vou da Eternidade.

Mas ah ! que vejo ! Apenas te remontas,
Entre dous pégos voejando ás tontas,
Rapido tombas em revoltas aguas...

Bemvindo sejas, ó celeste aviso !
Que assim me revelaste de improviso
A morte como termo a tantas maguas.



II

Ingratos

Jamais ao Imperador se ouviu uma queixa dos muitos que o trahiram ou abandonaram: antes repetidas vezes procurava excusal-os, diminuindo-lhes o crime ou a cobardia e abrigando-os sob o manto da paternal magnanimidade. D'isto dão numerosos testemunhos os que do Snr. D. Pedro II se acercaram na Europa. Só não se doêra, porém, si não fosse homem; e este soneto é um desafogo intimo. Entretanto não disfarçaremos ser o unico sobre cuja authenticidade paira leve sombra de duvida.

Na copia, que tivemos presente, lia-se este dizer, á guisa de dedicatoria: *A M. D. F.* — o que bem se poderia traduzir: *A Manoel Deodoro da Fonseca.* Ainda mais do que a d'este, porém, devêra ter pungido ao Imperador a ingratição de outros protegidos.



II

Ingratos

Não maldigo o rigor da iniqua sorte,
Por mais atroz que fosse e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a majestade,
Quando a dous passos só estou da morte.

Do jogo das paixões minha alma forte
Conhece bem a estulta variedade,
Que hoje nos dá continua f'licidade
E amanha nem—um bem que nos conforte.

Mas a dôr que excrucia e que maltrata,
A dôr cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e prompto mata,

E' vêr na mão cuspir á extrema hora
A mesma bocca aduladora e ingrata,
Que tantos beijos nella poz'outr'ora.



III

A' Imperatriz

Não ha quem não tenha lido nos *Vultos e Factos* do Sr. Dr. Affonso Celso as paginas magnificas em que se descrevem as angustias do Imperador, quando no Porto lhe morreu a sancta esposa, tão justamente cognominada *Mãe dos Brasileiros*. Echo desta immensa dôr é o presente soneto, repassado do mais fundo sentimento e, por assim dizer, escripto com as lagrymas que o venerando banido sabia occultar com imperurbavel compostura.


Relembra o 4.^o verso amantissima expressão de Horacio, applicada a Virgilio: *Animæ dimidium meæ* (Odarum, L. I, 3.)

O original foi lançado, com lapis e em letra quasi inintelligivel, á margem de um jornal portuense, onde se leem pormenores do funeral.



III

A' Imperatriz

orda que estala em harpa mal tangida,
 Assim te vais, ó doce companheira
 Da fortuna e do exilio, verdadeira
 Metade de minha alma entristecida !

De augusto e velho tronco hastea partida
 E transplantada á terra Brasileira,
 Lá te fizeste a sombra hospitaleira,
 Em que todo infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratição no seu delirio ;
 Cahiste, e eu fico a sós, neste abandono,
 Do teu sepulchro vacillante cyrio !

Como foste feliz ! dorme o teu somno...
 Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio ;
 Filha de reis, ganhaste um grande throno !



IV

Patria !

Foi escripto este soneto, quando ao Imperador exilado chegou a noticia das negociações de que resultou o celebre convenio Bocayuva-Zeballos, que á Republica Argentina cedia boa parte do territorio brasileiro das Missões.

Muito se entristeceu o Snr. D. Pedro II com essas tentativas anti patrioticas ; solícito acompanhava nos jornaes tudo que se referia a tal questão ; e, por intermedio do finado conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, offereceu ao ministro do Brasil em França abundantes informações e documentos, comprobatorios do nosso direito.

Sempre amigo do exercito, que Elle não confundia com os rebeldes que o exilaram, costumava dizer o Imperador : « Não ; os militares, que toleram a republica, não consentirão no esphacelamento da Patria ! »

Ha entre nós quem possúa o original deste e talvez de outros sonetos.

IV

Patria!

A provação nem-uma o Heróe divino
No drama da Paixão tentou forrar-se,
E na frente a sangrar sentiu cravar-se
Duro espinho por mãos de algoz ferino.

Vaias do poviléo em desatino,
Sob o látigo a carne a lacerar-se,
E, para o sacrificio consummar-se,
Na cruz a morte como escravo indino.

Porém a Virgem Sancta, alto sacrario,
Manda eternal poder que immune seja
De escárneos e baldões da grei malvada.

Deus, ó Deus ! tambem 'stou no meu Calvario:
E assim possa eu morrer antes que veja
A Patria, minha mãe, despedaçada !



V

Grande povo!

Em Maio de 1888, na cidade de Milão, o Imperador, jazendo em leito de dores, onde pouco antes quasi que exhalara o ultimo suspiro, recebeu a grata noticia de haver sido, em 13 desse mez, promulgado o decreto que aboliu a escravidão no Brasil. — Grande povo! exclamou, commovido e mal retendo as lagrymas.

Sobre este facto discorreu eloquente o Snr. Barão de Ramiz na já citada *Polyanthéa*, em artigo incerto a pag. 49-50 desse interessante repositório do *loyalism* brasileiro.

Pouco mais de um anno depois deixava o povo que a guarnição do Rio deportasse o velho Imperador; mas este não mudou de opinião, e na apathia de 15 de Novembro nunca viu desfallecimento de qualidades varonis, mas antes um desses momentos de estupor, com que mythicos deuses feriam as victimas da fatalidade.



V

Grande povo !

Desfallecido, errante, forasteiro,
Já das sombras da morte circumdado,
Subito ouvi : « Resurge ! que extirpado
Foi no Brasil p'ra sempre o captiveiro.

Presto a fugir, o alento derradeiro
Volveu-me ao coração quasi parado :
« Grande povo ! » exclamei, « povo adorado !
Entre os demais da terra és o primeiro ! »

Traguei depois meu calix d'amarguras ;
Mas da verdade a lei não ha quem mude :
Grande povo ! eu dissera entre torturas.

Grande povo no brio e na virtude !
Sê feliz, gosa em paz as mil venturas
Que deparar-te quiz e que não pude !



VI

Aspiração

Não ha neste soneto, como poderia julgar malevola critica, nem-uma affirmação heterodoxa sobre a transmigração das almas, mundos a fóra; mas simples devaneio poetico, em que ainda se revela entranhado affecto ao Brasil. Figuradamente assim tambem fallam os Livros Santos : « Si pozeres o teu ninho entre os astros (*Abdias*, 4); Job diz que o SENHOR « se eleva sobre o cume das estrellas » (XXII, 12); e pergunta o Ecclesiastes : « Quem sabe si o espirito dos filhos de Adão subirá para cima? » (III, 21).

O verso 2.^o é vasado em puros moldes biblicos : « *Omnia in mensura... numero... pondere disposuisti.* (*Sapiencia*, XI, 21).

Abalizado sabedor do hebraico e de outros idiomas orientaes, muito se comprazia o Imperador manuseando a Biblia, e nas lições do Sancto Espirito aprendêra a resignação com que assombrou o mundo.

VI

Aspiração

Deus, que os orbes regulas esplendentes
Em numero e medida ponderados,
Nelles abrigo dás aos desterrados,
Que se vão suspirosos e plangentes.

Assim, dos céos ás vastidões silentes
Ergo os meus pobres olhos fatigados.
Indagando em que mundos apartados
Lenitivo á saudade nos consentes.

Breve, Senhor, do carcere d'argilla
Hei de evolar-me, murmurando ancioso
Timida prece : digna-te d'ouvil-a.

Põe-me ao pé do Cruzeiro majestoso,
Que no antarctico céu vivo scintilla,
Fitando sempre o meu Brasil saudoso !



VII

Terra do Brasil

Familiarizado com a idéa da morte, que aliás não lhe turbava a majestatica serenidade do animo, o Snr. D. Pedro II mandou vir do Brasil um caixotinho de terra, talvez da sua poetica vivenda de Petropolis, a cidade montesina que Elle fizera brotar da serrania da Estrella, uma vez que na quinta da Bôa Vista, no Rio de Janeiro, por Elle aformosentada a expensas suas, já grasnava a sabedoria da Constituinte, fabricada por Deodoro a golpes de sabre e do regulamento Alvim. Só a dous ou tres intimos revelou o Imperador qual o fim a que destinava a singular encommenda. Morto, cumpridas foram suas ordens : e com terra do Brasil se encheu a almofada em que repousa a cabeça do monarcha no seu ultimo jazigo de S. Vicente de Fóra.

Ultimo?! Não haverá no Brasil coração bastante para reclamar as reliquias do mais glorioso de seus filhos ?

VII

Terra do Brasil

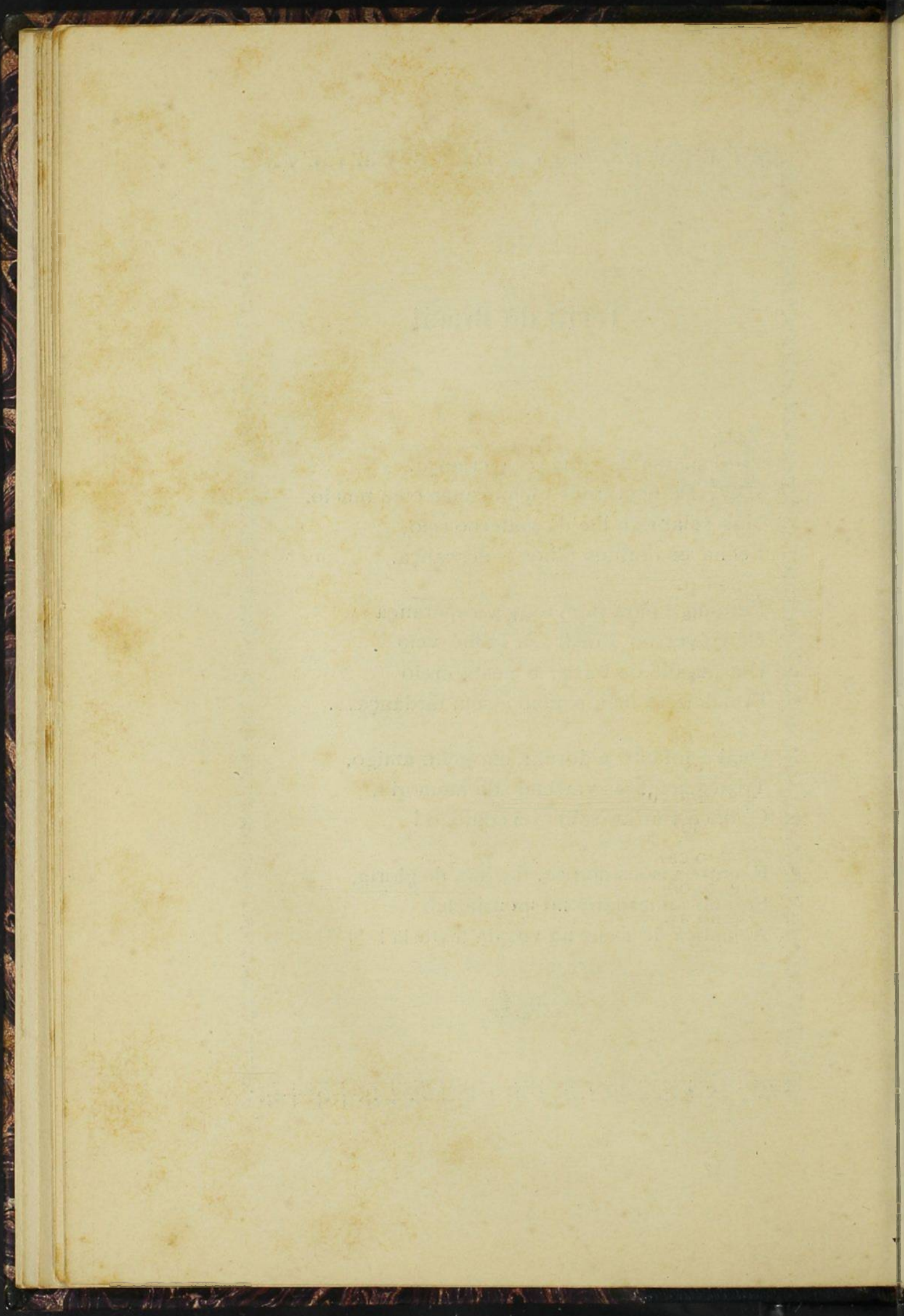
Espavorida agita-se a criança,
De nocturnos phantasmas com receio,
Mas si abrigo lhe dá materno seio,
Fecha os doridos olhos e descança.

Perdida é para mim toda a esperança
De volver ao Brasil; de lá me veio
Um pugillo de terra: e nesta creio
Brando será meu somno e sem tardança...

Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo da memoria,
O' doce Patria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de gloria,
Serenos aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da historia!





EPILOGO

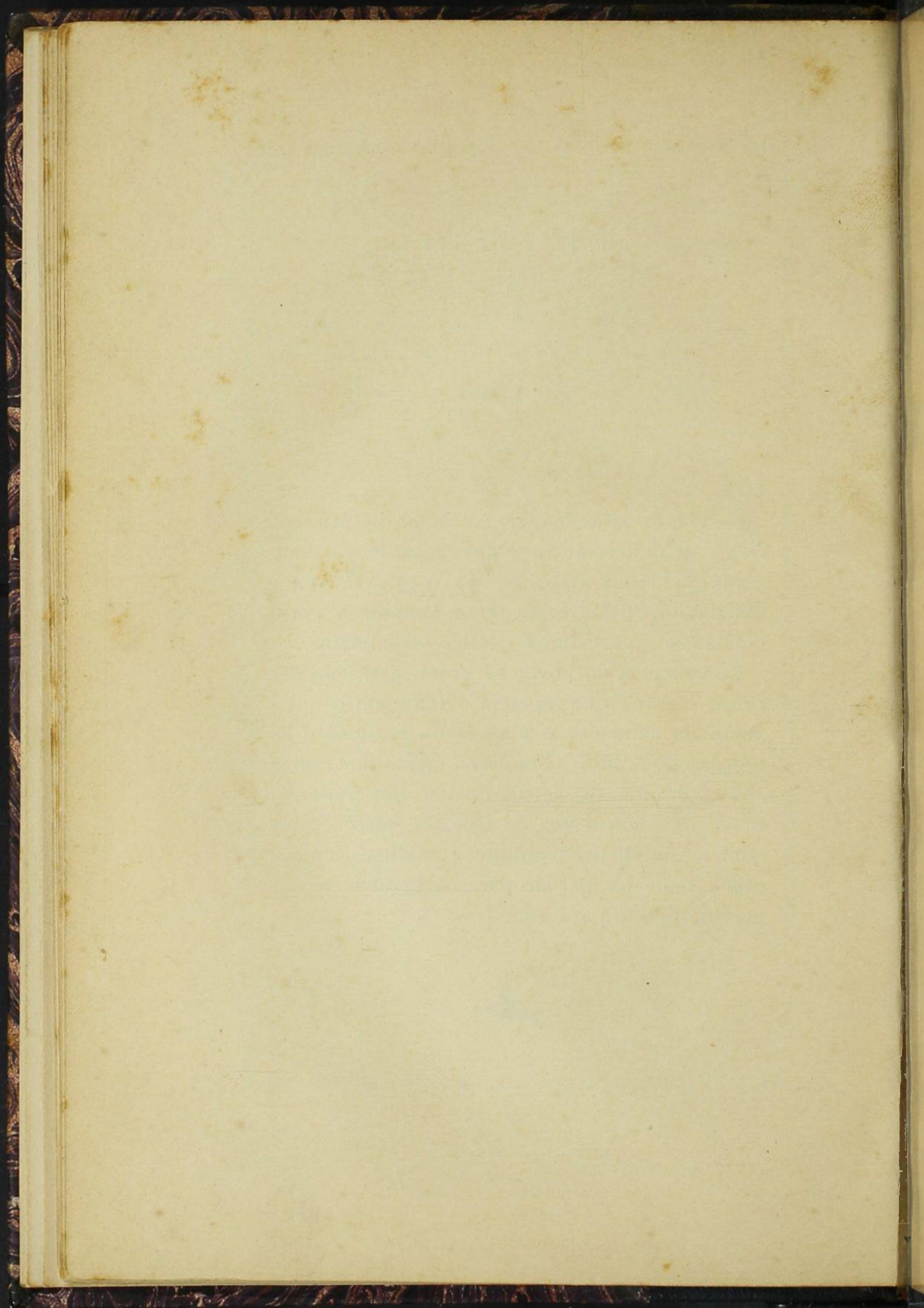


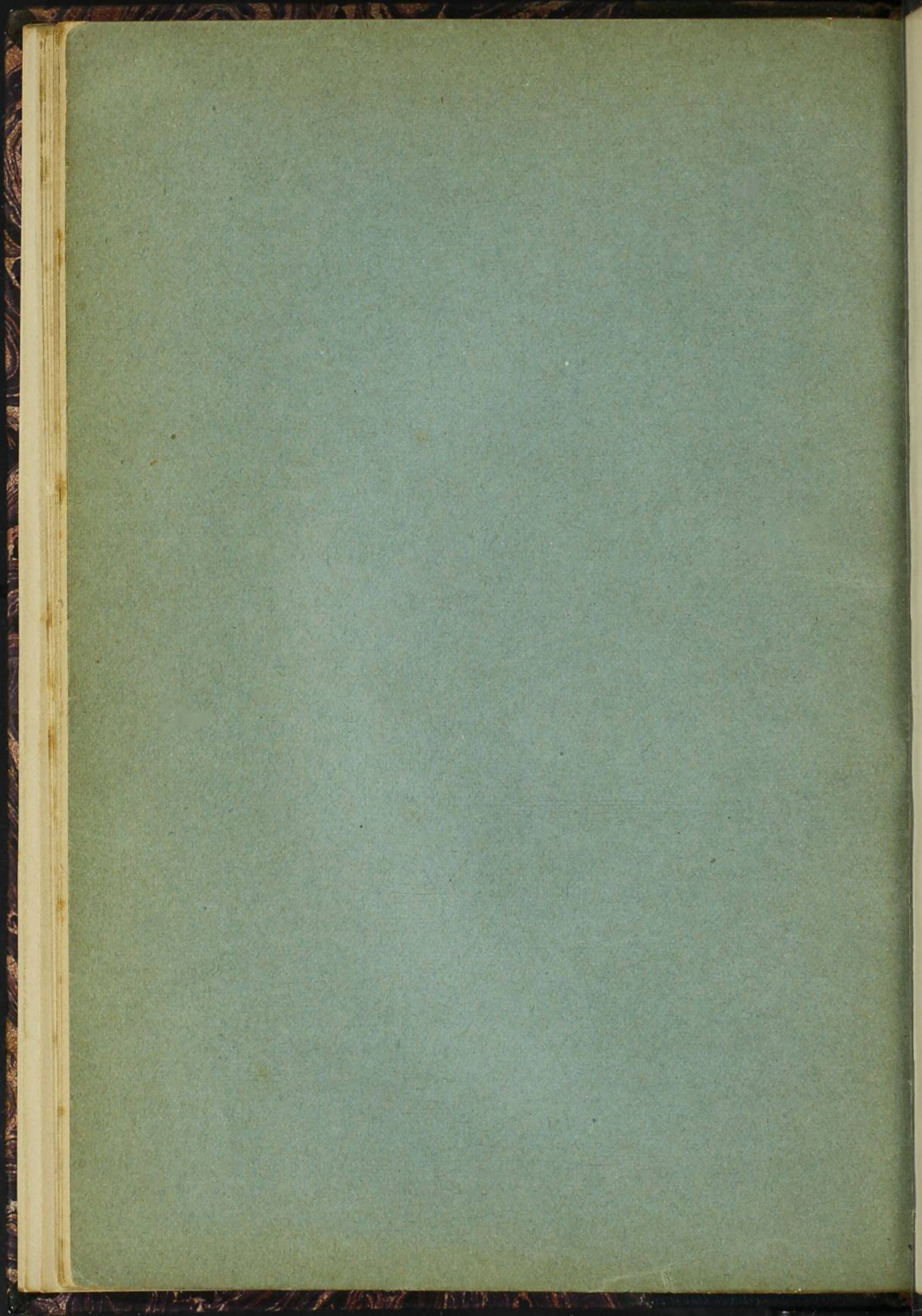
Ao Povo

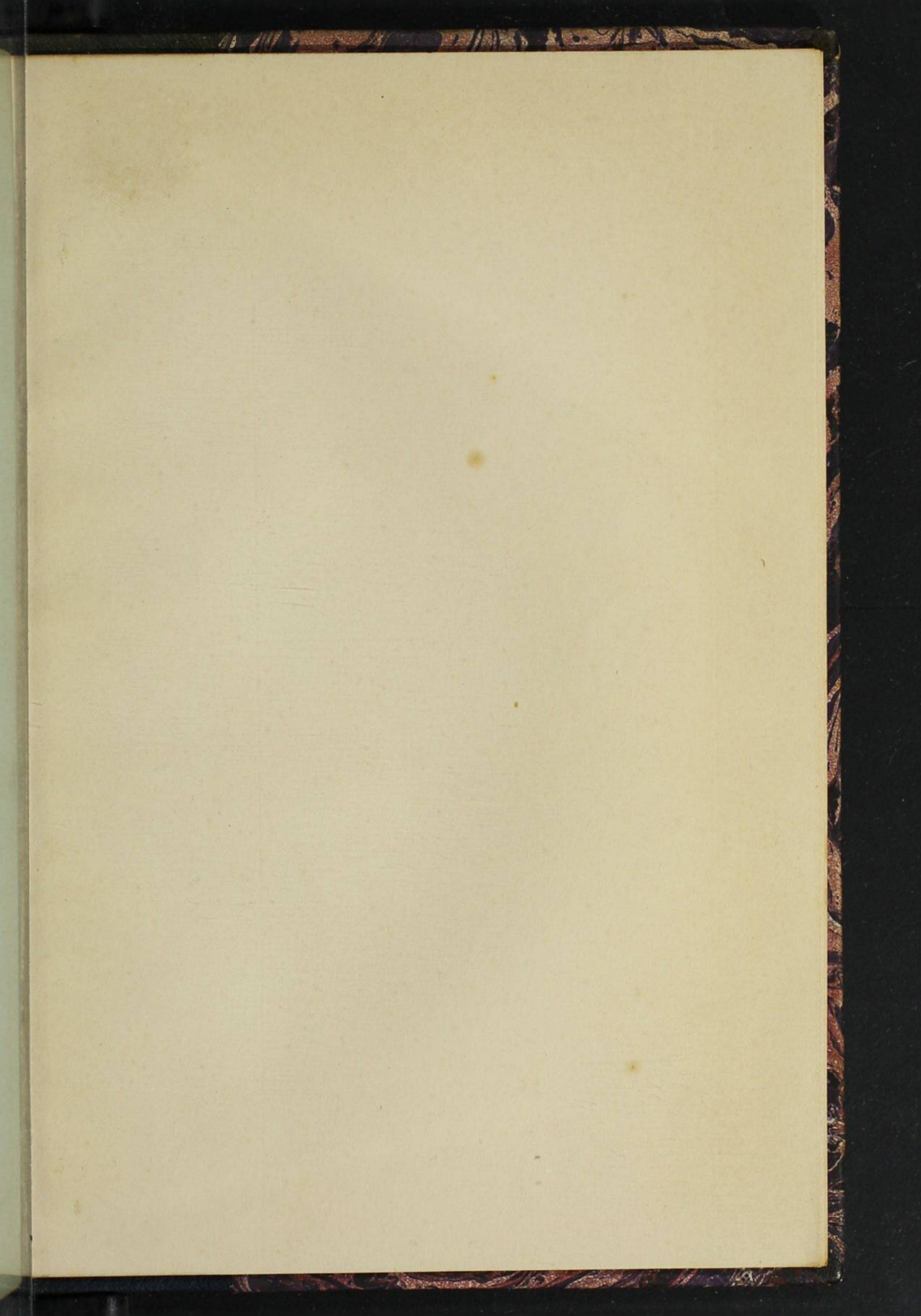
Pelas arcarias das grutas rebôam diurnos os gemidos soluços das vagas; longamente pelas quebradas alpestres sôa o grito do viajor extenuado; e a morrerem, lenta, lentamente pelas crastas se esvaecem os canticos dos levitas...

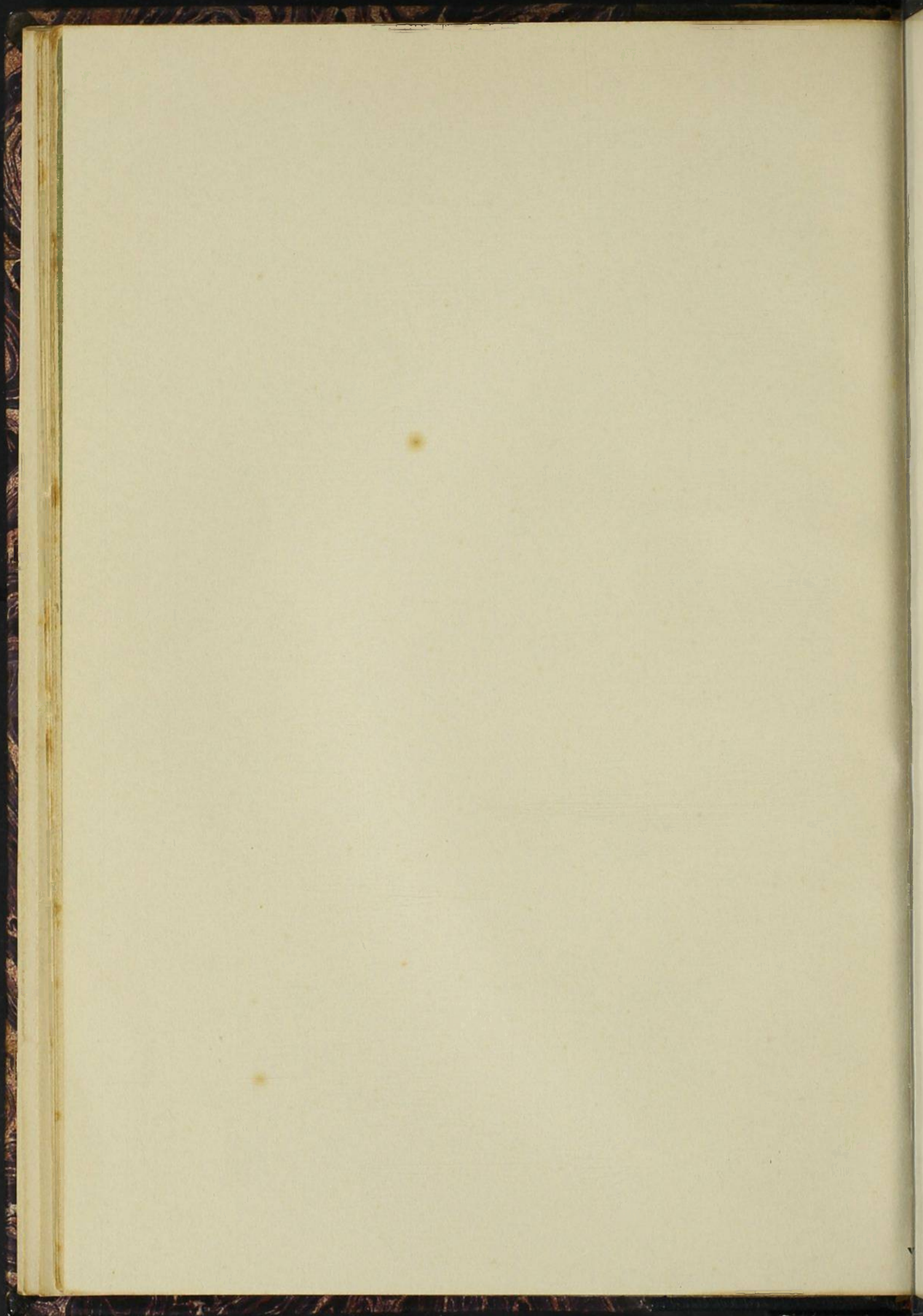
Consciencia do povo, sê como esses mysteriosos logares que repetem e reforçam o queixume da saudade, o clamor do inditoso e as orações do crente. Guarda na memoria e redize aos vindouros os versos do teu Imperador,—saudosos como a voz do Oceano, merencorios qual o caminheiro expirante, e sublimes como a prece, onde ha perdão para os homens e supremo appello para Deus!

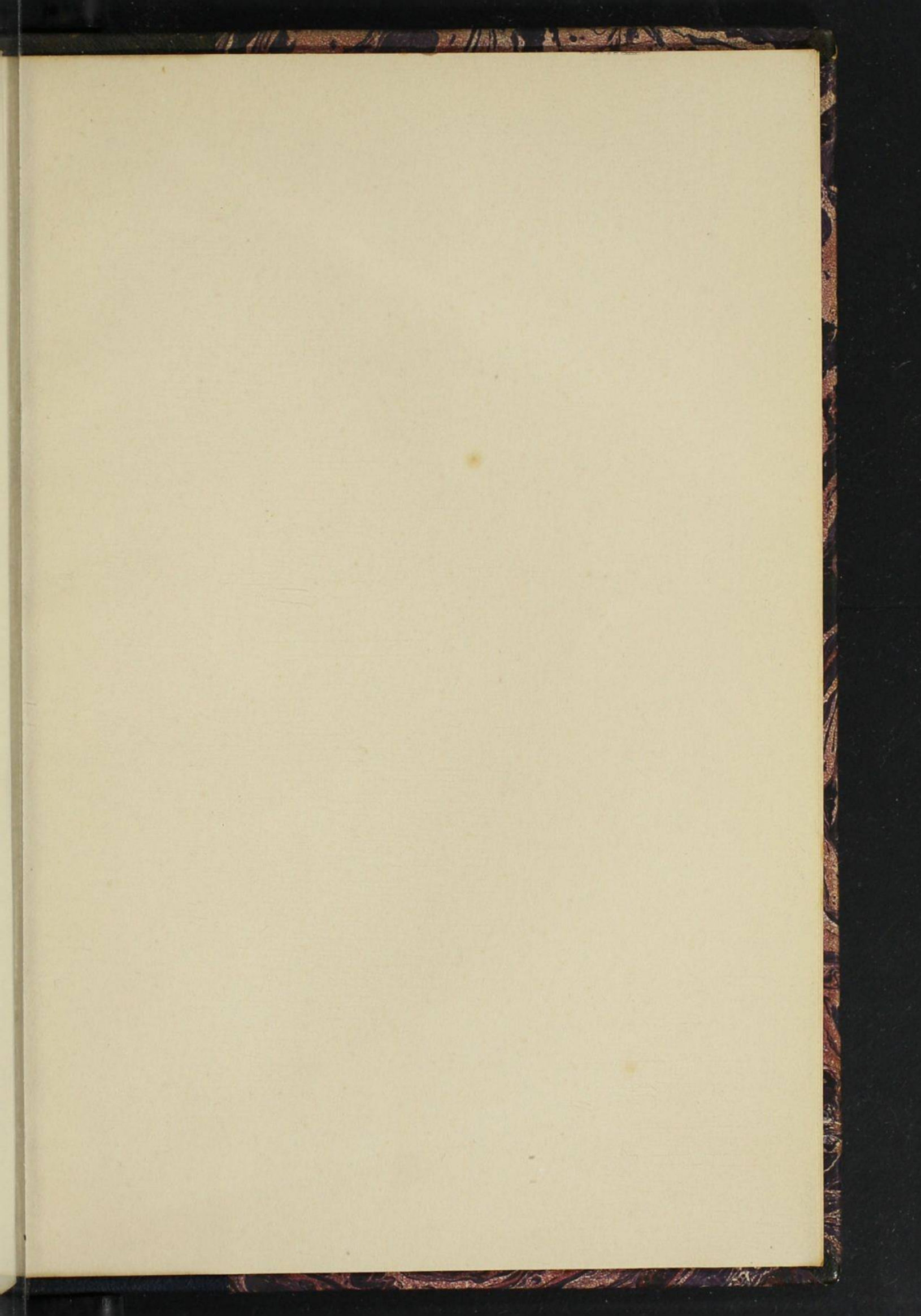


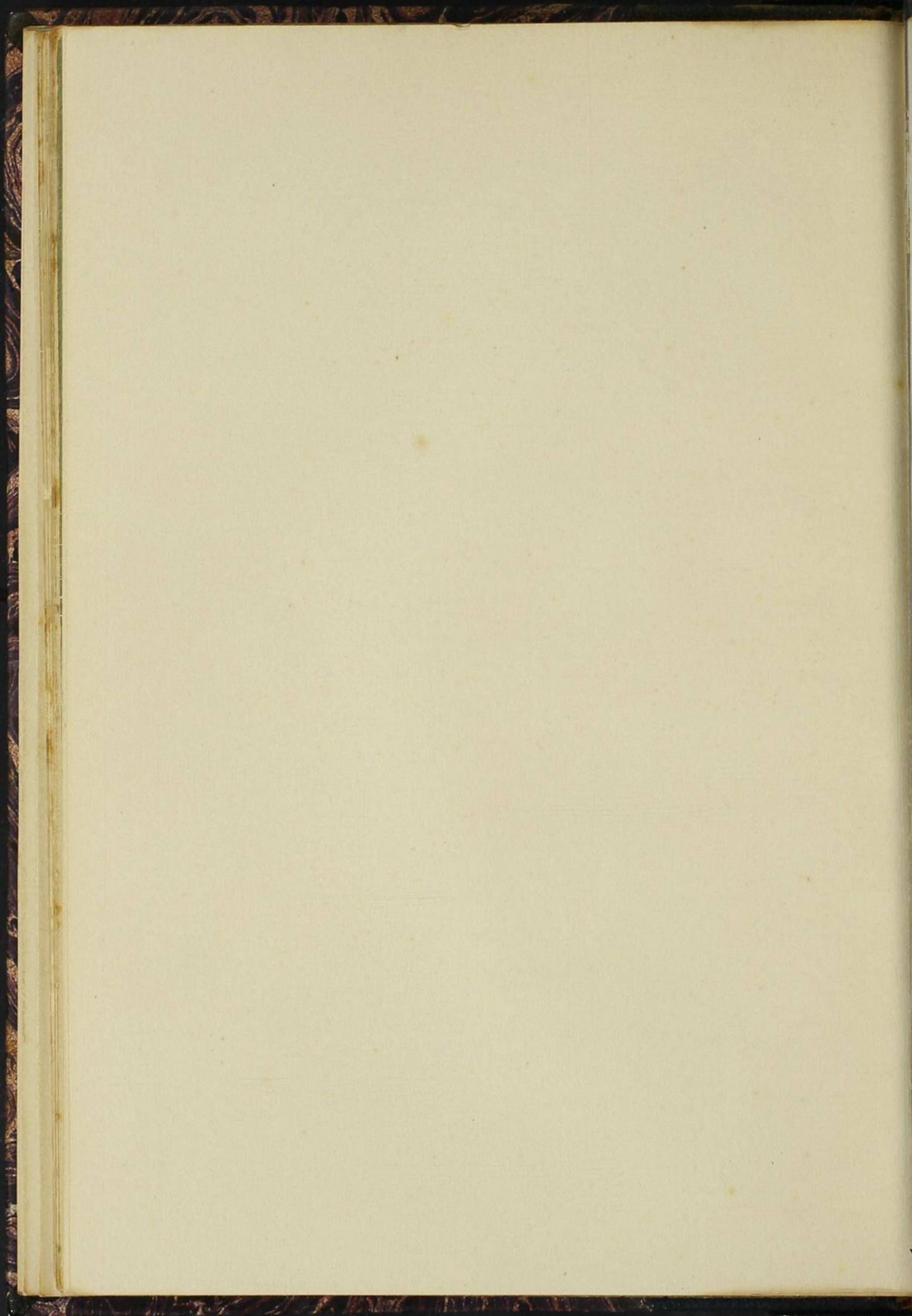












17592

